

# A AVALIAÇÃO NA ÓTICA DE PROFESSORES DE QUÍMICA DO ENSINO MÉDIO: Conceitos e Objetivos

*Alan Carlos Rocha Pacheco<sup>1</sup>  
Clara Virgínia V. C. O. Marques<sup>2</sup>*

## RESUMO

O presente trabalho teve por objetivo identificar o processo avaliativo implementado em aulas de Química no Ensino Médio de uma amostragem de escolas públicas da rede estadual de ensino em São Luís-MA, no sentido de revelar as concepções de professores sobre a avaliação. A metodologia empregada foi baseada na perspectiva de pesquisa qualitativa, fazendo uso da análise de conteúdo de entrevistas e questionários semiestruturados, que foram tratados sob a metodologia de redes sistêmicas. Foram entrevistados 15 professores de 11 escolas de um dos polos da rede de ensino. Os resultados evidenciaram que os professores entendem que a avaliação não deve ser apenas classificatória, porém, por estarem ligados ao calendário escolar, realizam a avaliação apenas para cumprir suas obrigações perante a instituição. Portanto, o perfil do processo avaliativo no universo pesquisado ainda não se apresenta numa concepção de promover o desempenho dos alunos.

Palavras – chave: Avaliação da aprendizagem. Ensino de Química. Pesquisa Qualitativa.

## INTRODUÇÃO

Luckesi (1997) destaca que a avaliação da aprendizagem ganhou nas últimas décadas um considerável espaço nas discussões sobre os processos de ensino, decorrente do entendimento que a prática avaliativa escolar se apresenta numa perspectiva de “pedagogia do exame”.

Esteban (2006) também destaca que embora se tenha em mente que a prática avaliativa como classificatória é a dominante, a constante necessidade de se discutir a avaliação pode indicar que de alguma forma a compreensão de que a classificação é insuficiente. Considerando as diferentes formas de aprendizado e também que a escola busca alcançar o desenvolvimento e a promoção dos alunos, cria-se aí uma discrepância entre os objetivos da avaliação e da disciplina (HOFFMANN, 2011).

Partindo desse pressuposto, é possível enxergar o quão complexo é o debate sobre avaliação, e o quão é justificável se estudar sobre os fenômenos envolvidos nesse processo no intuito de difundir conhecimentos a respeito do tema, na tentativa de mudar a visão do ato

---

<sup>1</sup> Graduando em Química Licenciatura – UFMA. E-mail: alanpacheco1709@gmail.com

<sup>2</sup> Doutora em Ensino de Química – UFMA. E-mail: clarabrasil10@gmail.com

avaliativo no ambiente escolar. O que vem sendo defendido é que o processo avaliativo precisa ser feito em conjunto para dar certo, pois para que os critérios avaliativos sejam eficazes devem ser elaborados de forma coletiva por professores e alunos em relação aos objetos de estudo, promovendo a inclusão (SILVA & MORADILLO, 2002).

Nesse sentido, este recorte de pesquisa teve como objetivo geral identificar as concepções dos professores Química a respeito do conceito da avaliação e seus objetivos de uma amostragem de escolas públicas da cidade de São Luís/MA

## **METODOLOGIA**

Os aspectos metodológicos que estão presentes neste trabalho baseiam-se na pesquisa qualitativa, pois esse tipo de pesquisa tem o ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento, ou seja, é preciso que haja um contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo analisada (LUDKE, 1986).

No que se refere aos participantes e às unidades escolares que foram escolhidas e contatadas como campo de estudo, a presente pesquisa somente teve início após autorização do órgão competente para acesso às escolas e por meio de um levantamento do número de escolas de Ensino Médio (EM) da zona urbana na cidade de São Luís/Maranhão, do 1º ao 3º ano do ensino médio, da Rede Pública de Ensino (RPE). Assim, foi escolhido um dos polos que compõem a organização dessas escolas, procedendo-se às visitas *in locus*, nas quais pretendeu-se obter um contato direto com gestores e professores com o objetivo de apresentar a proposta de trabalho a ser desenvolvida, assim como, fazer um convite para integração ao mesmo, valendo-se de uma breve explicação sobre o trabalho a ser desenvolvido e a gama de referenciais teóricos envolvidos. Ressaltamos que o anonimato dos participantes da pesquisa está rigorosamente respeitado, portanto, em nenhuma hipótese será mencionado nomes de professores, sendo que o nosso foco de interesse se direciona para conteúdo das declarações numa perspectiva de análise qualitativa dos dados. No que tange a coleta de dados, utilizou-se entrevistas semiestruturadas gravadas em áudio. No que se refere à forma de organização e análise dos dados obtidos, utilizou-se da perspectiva das redes sistêmicas para análise do conteúdo das entrevistas, que segundo Marques (2010), este tipo de organização é uma estratégia que facilita a ordenação e a visualização do objeto de estudo, portanto, constituem-se em esquemas montados com unidades de significados que são retirados da fala dos entrevistados, ou seja, do discurso dos sujeitos e pontualmente agrupadas em categorias.

## RESULTADOS DISCUSSÃO

Esta pesquisa foi realizada no polo VII das escolas públicas da Rede Estadual de Ensino do Maranhão, onde foi constatado que ele é formado por 12 escolas e dessas todas foram visitadas para se fazer contato com seus respectivos professores de química. Salienta-se que uma das escolas não participou dessa pesquisa, pois a mesma não oferta ensino regular. Assim, o conjunto de sujeitos deste recorte de pesquisa se fez de 15 professores de química. Desse conjunto de professores 53% são do sexo masculino e 47% do sexo feminino. A maioria dos entrevistados (46,67%) tem acima de 45 anos, 13,33% têm entre 40 e 45 anos, 33,33% deles têm entre 25 e 30 anos e apenas 6,67% possui entre 35 e 40 anos. Em relação ao tempo de magistério, 33,33% possuem acima de 25 anos de trabalho, 33,33% tem entre 5 e 10 anos de magistério, 20% tem entre 15 e 20 anos e 13,33% tem de 10 a 15 anos de magistério. Todos os sujeitos dessa pesquisa atuam no Ensino Médio, sendo que 2 destes também atua no Ensino Superior e um no EJA. 53,33% dos professores cumprem jornada de 20 horas e os outros 46,67% têm jornada de 40 horas. A totalidade dos entrevistados trabalham em escola pública estadual, sendo que 1 destes também leciona na rede privada. Pontua-se que todos os entrevistados possuem Graduação em Química, sendo que 3 destes possuem Mestrado, 4 possuem Doutorado concluído ou em andamento, 4 possuem Especialização e 4 não possuem pós-graduação.

- As concepções dos professores de química sobre avaliação da aprendizagem

Nesta seção apresentaremos um recorte de pesquisa realizada no sentido de revelar as concepções dos professores de química sobre avaliação da aprendizagem no processo de construção do conhecimento químico. Para isso, o rol de perguntas se organizou num sentido de obter respostas para responder as seguintes questões norteadoras do fenômeno a ser observado: 1) O que é avaliação? e 2) Por que se faz avaliação? As unidades de significados retiradas dos relatos dos professores foram organizadas gerando duas categorias definidas como: CONCEITO e OBJETIVO

O discurso dos professores no sentido de dar um conceito para Avaliação, nos revelou que a maioria deles entende a avaliação como *Indicador do Aprendizado*. Dentro deste grupo, as maiores frequências foram aquelas que mostram a avaliação é vista como um *Indicativo da Aprendizagem* (60%) e a segunda maior frequência foi daqueles que dizem que a avaliação é uma *Maneira de Mensurar o Aprendizado* (20%).

Segundo Luckesi (1997, p.85), “a avaliação subsidia decisões a respeito da aprendizagem dos educandos, tendo em vista garantir a qualidade do resultado que estamos construindo”. Isto corrobora em parte com as concepções dos entrevistados em afirmarem que de alguma forma a avaliação lhes indica algo a respeito da aprendizagem do aluno.

De acordo com o P8, “a avaliação é uma maneira de mensurar o quanto que o aluno aprendeu naquele determinado mês”. Enfatiza-se aqui que a avaliação gera uma medida. Este ato de medir a aprendizagem se dá através da contagem das respostas corretas a respeito de um determinado conteúdo que o professor esteja trabalhando. (LUCKESI, 1997).

Quanto aos objetivos da avaliação, foi possível agrupar as unidades de significados gerando as subcategorias *Verificação do Rendimento* e *Imposição da Escola*, e a maior recorrência nas falas dos professores foi de que, para eles, o objetivo da avaliação é *ver se o aluno absorveu o conteúdo* (27%) e *identificar as dificuldades de aprendizado* (20%).

Para o P15, o objetivo da avaliação é “ver em que ponto a minha turma tem de positivo com relação a aprendizagem do conteúdo e a deficiência dela”. A maioria dos professores nesta categoria afirma usar a avaliação para “ver” alguma coisa, seja o aprendizado, seja quais dificuldades o aluno está enfrentando, dando à avaliação apenas o status de verificação de alguma coisa.

No entanto, Luckesi (1997) nos atenta para o fato de que avaliar a aprendizagem é diferente de verificar a aprendizagem. O ato de verificar consiste na obtenção de um dado ou informação a respeito de algo que se busca, e se encerra no momento em que se vê ou não aquilo que se buscava, ou seja, se chega à conclusão que tal objeto ou ato possui determinada configuração. Dessa forma a verificação não implica que o sujeito retire daquele objeto verificado alguma consequência que seja nova e significativa para ele (LUCKESI, 1997).

Luckesi (1997) ainda comenta também sobre a avaliação, diferenciando-a da verificação, segundo o autor,

o ato de avaliar não se encerra na configuração do valor ou qualidade atribuídos ao objeto em questão, exigindo uma tomada de posição favorável ou desfavorável ao objeto de avaliação, com uma conseqüente decisão de ação. (p. 93).

Para Esteban (2003), avaliar apenas no intuito de obter rendimentos aceitáveis descaracteriza o processo avaliativo, dessa forma, aquilo que seria uma forma de representar o

desempenho do sujeito em determinadas situações, torna-se algo que apenas identifica esse sujeito. O mau ou bom rendimento irá definir o mau ou bom aluno.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante do exposto, percebeu-se o quanto o tema “Avaliação” ainda precisa ser debatido. Trata-se de um processo complexo, de fato, e muitas vezes por faltas de estudos nesse sentido, os professores acabam confundindo conceitos, objetivos. Acabam considerando o ato de avaliar, conforme determinação da escola, sem ter uma prática reflexiva de avaliação, sem saber como lidar com os resultados que a avaliação lhe retorna. E isso prejudica a todos os envolvidos, principalmente os alunos, que deveriam ser os principais beneficiados por essa prática.

## **REFERÊNCIAS**

LUCKESI, Cipriano C. **Avaliação da Aprendizagem**. São Paulo: Cortez, 2000.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliar para promover: As Setas do Caminho**. 14 ed. Porto Alegre: Mediação, 2011.

ESTEBAN, Maria Teresa. Ser professora: avaliar e ser avaliada. In: ESTEBAN, Maria Teresa. (Org.) **Escola, currículo e avaliação**. São Paulo: Cortez, 2003).

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

LÜDKE, Menga. (et al). **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

ESTEBAN, M. T. Avaliação no Cotidiano Escolar. In: ESTEBAN, M. T. (Org). **Avaliação: Uma Prática em Busca de Novos Sentidos**. 5. Ed. Petrópolis: DP Et Alii, 2008, p.7-24.

SILVA, J. L. P. B.; MORADILLO, E. F. Avaliação, Ensino e Aprendizagem de Ciências.

**ENSAIO: Pesquisa em Educação em Ciências**. Belo Horizonte, v.4, n.1, p.1-12, jul.2002.